

Risos espontâneos como expressão do contato emotivo¹

Spontaneous laughter as an expression of emotional contact

Anna Kattrin Kemper

Resumo

O presente trabalho se refere a uma sessão de grupo na qual são tratados os temas da homossexualidade e sua relação com os limites e inibições da vida emocional. Os sonhos apresentados por vários componentes do grupo evidenciam, ao mesmo tempo, quer o problema da homossexualidade, quer seu caráter defensivo contra reações emocionais delicadas, sensíveis e temidas, também presentes nos sonhos. Um dos elementos do grupo, que trouxera material onírico extremamente expressivo de ambos os problemas em foco – por um lado o tema da homossexualidade e, por outro, a sobrevivência interna de sua vida emocional rica e diferenciada – entra em perplexidade e tenta defender-se pela afirmação de sua capacidade genital. Esta defesa, entretanto, feita de modo ingênuo e um tanto quixotesco, é desmascarada pelo grupo através de um riso geral e contaminante, que acaba por arrastar o próprio membro que se defendia. O riso, no presente caso, teve múltiplos significados dinâmicos e se, por um lado significou um afrouxamento da ansiedade que os temas em análise provocam, por outro representou uma fidelidade do grupo aos “*insights*” conseguidos e uma forma de confraternização produtiva. Através do riso o grupo manteve-se fiel ao tema em foco, facilitando sua gradual integração sem a necessidade de compactas reações defensivas.

Palavras-chave: Sessão de Grupo. Inibições da vida emocional. Homossexualidade. Sonhos. Riso e seus significados dinâmicos.

Abstract

This paper refers to a group session in which the themes of homosexuality and its relationship with the limits and inhibitions of emotional life are discussed. The dreams presented by various members of the group highlight, at the same time, both the problem of homosexuality and its defensive nature against delicate, sensitive and feared emotional reactions, also present in dreams. One of the group members, who had brought extremely expressive dream material on both issues in focus – on the one hand the theme of homosexuality and, on the other, the internal survival of his rich and differentiated emotional life – becomes perplexed and tries to defend himself by affirming his genital capacity. This defense, however, made in a naive and somewhat quixotic way, is unmasked by the group through a general and contaminating laughter, which ends up dragging the very member

1. Anais do IV Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, *Revista de Psiquiatria Dinâmica*, ano IV, 1964, Porto Alegre, RS.

who was defending himself along. Laughter, in this case, had multiple dynamic meanings and, on the one hand, it meant a relaxation of the anxiety caused by the themes under analysis, on the other hand it represented the group's fidelity to the insights achieved and a form of productive fellowship. Through laughter, the group remained faithful to the theme in focus, facilitating its gradual integration without the need for compact defensive reactions.

Keywords: *Group Session. Inhibitions of emotional life. Homosexuality. Dreams. Laughter and its dynamic meanings.*

O grupo se constitui de 8 participantes, 4 mulheres e 4 homens e se iniciou dois anos antes. A homossexualidade manifesta subiu à tona nas últimas sessões, pela comunicação de Ariane. Ela entrou em relações sexuais com uma amiga, depois de uma experiência de abandono causada por um homem, imagem paterna. O grupo manifestou tolerância em torno do “relatado”. O fato de ter o grupo reagido compreensivamente se baseia tanto na constatação de correspondentes condições latentes como também numa certa maturidade.

Havia 6 meses já se centralizava o grupo diversas vezes na *emocionalidade bloqueada* em torno de um aspecto denominado “a menina dentro deles” – significação que se referia às condições sensitivas delicadas de vivências emocionais inibidas.

Manifestações específicas do grupo no seu estado atual²

Comunicaram dois homens as suas experiências homossexuais, em função de um sonho de conteúdo homossexual de um deles,

Texto do sonho: “Estava com fulano (membro do grupo) num ambiente de bacanal. Divertíamos-nos observando as outras pessoas, brincávamos como dois moleques. Fulano enfiava, no meio da brincadeira o dedo no meu ânus”. Eu disse para ele: “Tire a mão daí. Podia ser que sentisse prazer”.

O tema de emocionalidade bloqueada se revelou no seu aspecto especial através do seguinte sonho de outro componente:

“Havia uma menina pequena muito meiga, no meu colo. Sentia-me comovida porque sabia que ela me pertencia. Aos poucos, depois, não sei como, se modificou a menina numa boneca. Levei um susto e acordei”.

A compreensão do que se passou no grupo na referida sessão na qual os risos espontâneos e constantes se manifestavam como expressão de ligação emotiva, necessita uma descrição das reações típicas de Ivan, causador da reação coletiva. Ivan, portador do primeiro sonho foi anteriormente muitas vezes ponto de agressão do grupo, especialmente quando reagia com idealizações e intelectualizações intensas. Além disso, Ivan adotava princípios de “Salvador”, o que estimulava o coletivo a continuar a agressão contra o mesmo, até que ele se mostrou consternado como quem não encontrava saída para a situação. No início da sessão, Aurélio comunicou uma conversa entre sua mulher e uma

2. As relatadas comunicações dos participantes do grupo correspondem aproximadamente ao modo de falar de cada um.

amiga, por ele caracterizada como castradora para os homens. As amigas concluíram que não existe amizade duradoura entre homem e mulher, acabando, afinal, tudo na cama. Esta comunicação causou em Aurélio uma irritação intensa contra sua mulher. Como disse, não podia argumentar, dando a razão pela qual sentia essas concepções como erradas.

Interpretei: Aurélio se irritara com a mulher porque não concordava com ela, mas se irrita no momento por não ser capaz de exprimir no grupo que as relações emocionais não precisam encontrar limites graves, pelas relações sexuais.

O grupo se dedicou a Aurélio com interesse e compreensão. Virgílio comunicou que suas relações ambientais se tornaram melhores, mas, afinal, identificado com Aurélio, falou também ele dos limites de suas reações emotivas.

Interpretei: Amplificaram-se as percepções e a maneira de sentir; mas como Virgílio disse – válido para o grupo – existem limites intensos nas relações emocionais que correspondem também às condições especiais focalizadas nas últimas sessões. (Me referi com esta indicação interpretativa ao tema da “homoemocionalidade” e da homossexualidade).

O grupo entrou num silêncio em parte de caráter resistente, em parte como esperando que alguém tomasse a iniciativa de entrar no tema lembrado.

Em função da interpretação do que se passava evidenciou o grupo a disposição para entrar no tema agudo. Concomitantemente se revelou à resistência expressa por Ariane, o membro do grupo que falara 3 sessões antes sobre sua relação homossexual. Ela comunicou que fez diversas tentativas para conseguir um emprego adequado.

O grupo, aproveitando-se desta brecha para fugir do tema em vigor, se dedicou de modo intenso aos prós e contras da expansão de Ariane.

Interrompi o movimento defensivo, chamando a atenção de como o grupo evita tanto o tema visado pelas comunicações de Aurélio no início da sessão, como o outro especialmente levado por Ariane nas últimas sessões.

O silêncio encabulado do grupo foi interrompido por Leila que tentou chamar atenção pelo relato de problemas cotidianos. O grupo, sentindo a função defensiva, ironizou e ridicularizou estas comunicações.

Interpretei: no sentido de o grupo provar pelas últimas manifestações que algo profundo está em vigor e de que eles, no momento, não estão dispostos a evitar.

O grupo reforça a interpretação através de Ivan que, numa reação afetiva contra Leila, critica o perfeccionismo dela, dizendo que ela impressionava como pairando acima dos problemas profundos. Ivan, apoiado pelo grupo,

entrou na liderança de aprofundar-se, falando de dois sonhos que o impressionaram muito. O grupo manifestou a sua disposição em segui-lo, insistindo para que contasse os sonhos.

Texto do primeiro sonho: “Estive num local do qual tinha a impressão que seria uma repartição policial. O local tinha bancos aos lados como têm as igrejas. Casais vestidos como noivos estavam deitados no chão sujo perto do altar. Veio um moço jovem, fino e delicado. Ele impressionava como não tendo nada em comum com o ambiente sujo, mas, de repente ele se deitava no chão de bruços e, de maneira grosseira, mostrava a bunda”.

Associação: “O moço delicado me impressionava como se fosse eu aos 15 anos”.

O grupo, reagindo de forma maliciosa insistiu em verificar que Ivan desta vez não conseguiu idealizar nada (defesa típica dele) referindo-se com esta constatação à igreja como lugar de bacanal e principalmente ao fato de que o moço fino e delicado, afinal ofereceu a bunda grosseiramente; formulação que se repetiu frequentemente em seguida.

Interpretei: As percepções do grupo são certas, mas chama a atenção a maneira maliciosa com que se manifestou. O grupo aparece como que satisfeito por ter encontrado um para-raios e mais um cúmplice para o tema em vigor.

Ivan reagiu com perplexidade, como quem não compreende nada, e fez questão de comunicar o segundo sonho:

“Estive desta vez, numa paisagem perto de uma torre. Um homem, um noivo, jogou uma menina pequena do alto da torre para baixo. Levei um susto pânico. Senti-me paralisado. Me senti aliviado quando pude correr para ver onde estava a menina e a encontrei. Estranhei muito, porque a menina não ficou estraçalhada. Para minha grande surpresa, ela ficou bonita, vestida de rendas brancas como uma pequena noiva. Procurei nela e no chão manchas de sangue, mas não encontrei; não sabia se ela estava morta ou não”.

Comentário: “Tive no sonho a impressão de que eu era o noivo e também como se eu morresse quando a menina foi jogada da torre”.

Ivan comunicou o sonho comovido, fato comprovado pela reação silenciosa do grupo.

Interpretei: este fenômeno em função de Ivan sentir-se perplexo e mobilizado diante da possibilidade de destruir a menina dentro dele, referindo-me também ao sonho de Ariane de dois meses atrás cujo conteúdo correspondente era o de uma menina que se atirara da janela, ficara bonita e impressionara como se não tivesse morrido, mostrava como o grupo desejava que não morresse ou ficasse bloqueada a emotividade sensível e delicada.

Ariane, percebendo a correspondência a um aspecto comum como Ivan na disposição psíquica, se dirigiu a ele numa dedicação delicada, dizendo: “O sonho prova que a menina dentro de você não morreu”.

O grupo, obviamente emocionado, concordou. Ivan, interrompendo o silêncio da comunicação de uma atmosfera concordante do grupo, perguntou num tom provocador: “Então por que vocês me agrediram por causa do primeiro sonho? Que tem o primeiro com o segundo?”

Esta reação resultou em que alguns do grupo voltaram ao primeiro sonho de Ivan, fazendo cogitações diversas, especialmente em torno do moço delicado que acabou no chão sujo.

Interpretei: Ivan provocou o grupo para gozar sua parte grossa. O grupo se mostra mobilizado pelas vivências opostas que se evidenciam nos sonhos de Ivan, sendo válidas para todos. O grupo parece sentir saudades de reações delicadas, mas ao mesmo tempo foi lembrado como as necessidades emotivas acabariam de um modo grosso na sexualidade, fato que irritou Aurélio, como já se revelara na sua comunicação sobre a conversa de sua mulher com a amiga, no início da sessão.

O grupo reagiu como que abalado, o que se manifestou em diversos comentários.

Ivan não percebendo qual o tema e a atmosfera predominante no grupo, comunicou como alguém que se tem que provar; que tem muitas vezes duas relações sexuais em seguida.

A interpretação focaliza a defesa de Ivan tanto contra as manifestações homossexuais (evidenciadas no primeiro sonho) como contra a mobilização emotiva, também válida para a vivência grupal neste momento (causada pelo segundo sonho).

Ivan ficando enfurecido de provar-se repetiu a constatação de sua capacidade sexual.

O grupo em função do aspecto cômico que Ivan transmitiu começou a caçoar mais intensamente dele, o que se evidenciou pelos comentários, por exemplo: “Ivan quer negar sua bunda passiva; ele faz questão de que acreditamos que ele é tão potente, de maneira que pode duas vezes em seguida”.

Ivan, perturbado, exprimiu repentinamente que ele não entendia nada. Em seguida numa erupção verbal violenta repetiu a constatação de que o fato de ter tido relações duas vezes em seguida, podia provar alguma coisa.

O grupo se divertiu à sua custa, rindo mais e mais. Como Ivan contribuía inconscientemente para as reações do grupo, se provou quando alguém fez um comentário quanto à sua necessidade especial de provar-se capaz; ele se referia

sempre de novo – agora numa atitude de menino grande – ao fato de poder ter relações duas vezes em seguida.

Nesta altura da sessão transpareceu já uma concordância progressiva entre as manifestações de carácter ingênuo de Ivan e as do grupo. No interesse de aprofundar o que estava em vigor, fiquei passiva e deixei o grupo se expandir à vontade; e *este* constantemente animado pelas tentativas de provar-se, por parte de Ivan, entrou mais e mais em erupções de risos.

Ivan, difusamente registrando que o movimento do grupo se desenvolvia em torno de sua pessoa, declarou de repente com voz patética: “Sou burro, burro mesmo, não compreendo nada.” Ivan exprimiu pela maneira dessa comunicação algo de um Don Quixote que se agarra ao burro para lutar contra o vento. Mas que ganha simpatia pelo seu aspecto ingênuo. A essa altura tragicômica quando Ivan por mais uma vez levantou a questão de saber por que os outros riam do fato de ter ele podido ter duas relações sexuais em seguida, Iléi intervêm: “Ivan quer provar forças de um cavalo feroso, mas ele se mostra como um burro de carga que patina *no gelo*”.

A *interpretação* foi focalizada no aspecto cômico-ingênuo de Ivan (referência ao burro patinando) e sua contribuição inconsciente para as reações emotivas do grupo em comum que se estabeleceram através de risos espontâneos.

O grupo, sentindo-se legitimado tanto pela interpretação como pelo fato de ter rido com eles, fez tudo para que Ivan intensificasse seu estado de “burrice ingênuo”. O desenrolar do riso contaminante do grupo alcançou um grau tão intenso, que o causador (Ivan) afinal acabou por participar dos risos. Rindo, ele se referiu em seguida ao fato das “duas vezes”, participando até o fim da sessão na concordância emotiva do grupo.

Por causa da função terapêutica desses risos espontâneos e, afinal, alegres do grupo *interpretei* nessa altura, só de vez em quando por uma alusão afirmativa o movimento específico do grupo. Quando Ivan tentou mais uma vez entender o que se passava na sessão, declarando novamente que ele se sentia burro, e alguém achou que ele seria um burro engraçado, interrompi com a seguinte *interpretação*: Ivan que, como mostravam seus sonhos, bloqueado em sua capacidade emotiva –revelada pelo moço delicado que se deitou no chão sujo e pela pequena menina noiva, jogada da torre, prova como ele está disposto a retomar contato com uma parte ingênuo inibida. O grupo submetido em grande parte aos mesmos problemas de Ivan, conseguiu que ele, depois de todas as tentativas absurdas para se defender, afinal entrasse rindo na concordância emotiva para com eles. Se estabeleceu uma atmosfera emocional *no grupo* que permitia correspondências ingênuas, que todos sentiam como alívio diante dos problemas

sérios tratados nas últimas sessões. Acabei aludindo que parecia que as meninas, tanto nos sonhos, como dentro deles não morriam.

A compreensão dos elementos principais interpretados se evidencia pela seguinte comunicação de Virgílio: “Lembro-me, no momento de um conto de Vinícius de Moraes que me impressionou muito. Se trata de um homem que estava só numa exposição. Um quadro de Portinari o emocionava de tal maneira que ele sentia sua emoção insuportável na solidão em que se achava. Aprofundando-se na intensidade das cores do quadro o homem percebeu que a porta da sala se abria. Uma jovem linda entrava. O homem que, por um instante não sabia se sonhava ou não, olhou no espelho que refletia a porta da entrada. Quando percebeu que a moça se aproximava ele chorou profundamente comovido. Depois de uma pausa – se defendendo de sua emoção – disse: “Claro que o homem tomou a moça nos braços com toda a delicadeza e que ambos sabiam que pertenciam um ao outro para sempre”.

A recapitulação desta comunicação de Virgílio sofre limites intensos. A atmosfera emocional tão aberta e ingênua que prevalecia nesta altura da sessão possibilitou a ele comunicar-se em sua parte poética como nunca antes se observara.

Aurélio quebrou o silêncio de profunda correspondência emocional do grupo com o comentário contemplativo: “Como se o poeta tivesse percebido que o encontro da parte separada dentro de nós faz a gente feliz”.

O grupo ficou uma entidade (*Gestalt*) contemplativa e comovida. Os comentários dos diferentes participantes se referiam às percepções emocionais delicadas, ou ao sofrimento da divisão entre vivências emocionais e materiais.

Interpretei no fim da sessão – em resumo o que se passara. Referindo-me à última comunicação de Aurélio – significando que ele era o porta-voz do grupo – finalizei em alusão ao conto comunicado por Virgílio, que o grupo impressionava nessa sessão como na disposição para perceber mais intensamente do que antes, “a porta que se abrirá”.

O riso como intensa comunicação não verbal representa um meio de transmissão de várias expressões, animando, mais do que outras comunicações, atmosferas para reações em cadeia. A relatada sessão do grupo evidencia o riso na sua função contaminante e transbordante que ocasiona reações dinâmicas intensas. Na situação do grupo, na qual a homossexualidade estava em foco, de maneira que a concentração absoluta ao tema atual podia provocar compactas reações defensivas – como se avisou na referida sessão – corresponderam os risos, mesmo em parte maliciosos, a uma função terapêutica.